



cadernos **IHU** idéias

A cidade afetada pela cultura digital

Paulo Edison Belo Reyes

ano 2 - nº 28 - 2004 - 1679-0316

 UNISINOS

INSTITUTO
HUMANITAS
UNISINOS



UNIVERSIDADE DO VALE DO RIO DOS SINOS – UNISINOS

Reitor

Aloysio Bohnen, SJ

Vice-reitor

Marcelo Fernandes de Aquino, SJ

Instituto Humanitas Unisinos

Diretor

Inácio Neutzling, SJ

Gerente Administrativo

Jacinto Schneider

Cadernos IHU Idéias

Ano 2 – Nº 28 – 2004

ISSN 1679-0316

Editor

Inácio Neutzling, SJ

Conselho editorial

Berenice Corsetti

Dárnis Corbellini

Fernando Jacques Althoff

Laurício Neumann

Rosa Maria Serra Bavaresco

Stela Nazareth Meneghel

Suzana Kilp

Vera Regina Schmitz

Responsável técnica

Rosa Maria Serra Bavaresco

Editoração eletrônica

Rafael Tarcísio Forneck

Revisão – Língua Portuguesa

Mardilê Friedrich Fabre

Revisão digital

Rejane Machado da Silva de Bastos

Impressão

Impressos Portão

Universidade do Vale do Rio dos Sinos

Instituto Humanitas Unisinos

Av. Unisinos, 950, 93022-000 São Leopoldo RS Brasil

Tel.: 51.5908223 – Fax: 51.5908467

www.ihu.unisinos.br

A CIDADE AFETADA PELA CULTURA DIGITAL

Paulo Edison Belo Reyes¹

...sobre estar em público na realidade cotidiana

Viver a cidade é viver a dinâmica da realidade cotidiana, é estar inserido no fluxo da vida diária com tudo que ele propõe. É como não só estar aberto ao conhecido, ao que é familiar, mas, sobretudo, estar disponível ao olhar do estranho. São “vínculos de associação e de compromisso mútuo” que, como afirma Sennett (1988, p.16), “existem entre pessoas que não estão unidas por laços de família ou de associação íntima”. É, acima de tudo, um “estar de acordo”. [Estou de acordo com o outro que, diferente de mim, tem uma leitura particular dessa realidade cotidiana. Leitura essa nem superior nem inferior à minha, mas diferente, e que, quando está em relação, se torna uma leitura cúmplice, compatível com as devidas diferenças. Por isso, passível de negociações].

Porém os fenômenos da realidade cotidiana transcendem presenças imediatas, é o aqui e o agora. Queremos dizer “que se experimenta a vida cotidiana em diferentes graus de aproximação e distância, espacial e temporalmente. A mais próxima de mim é a zona da vida cotidiana diretamente acessível à minha manipulação corporal” (Berger, 2003, p.39). De qualquer maneira, a relação que se estabelece está ancorada em um corpo que se situa em um aqui e agora e, daí, estabelece as relações de proximidade ou de distância.

A experiência da realidade cotidiana é compartilhada. Estamos em relação ao outro da mesma maneira que ele está em relação a nós. Partilhamos, juntos, de uma mesma experiência espaço-temporal. De todas as possibilidades de interação, aquela em que estamos mais inteiros são as relações face a face. É no encontro face a face que temos a apreensão do outro na sua quase total plenitude, pelo menos, no que diz respeito aos seus

1 Doutor em Ciências da Comunicação – UNISINOS, mestre em Planejamento Urbano – Universidade de Brasília, UnB e graduado em Arquitetura e Urbanismo – Centro Universitário Ritter dos Reis, UNIRITTER. É professor no curso de Arquitetura e Urbanismo da UNISINOS, do qual é coordenador.

sinais exteriores. Todos os sentidos estão aí disponíveis à percepção do outro.

Tanto a noção de civilidade quanto a idéia de cidade partem da mesma lógica: colocar em contato. Estamos em contato com aquele que respeitamos como outro e com ele compartilhamos do mesmo espaço em um mesmo tempo. É nessa institucionalização da civilidade, territorializada no espaço físico da cidade, que as relações públicas tomam corpo. A essência do espaço da cidade, expresso na sua realidade cotidiana, é a diferença. É o encontro de tudo aquilo que não é familiar. É, “correr riscos”. É circular pelo diverso como se estivéssemos em casa. É sentirmo-nos à vontade na diversidade. Entretanto, a realidade social parece estar sendo construída e experienciada de outra maneira. Essa outra maneira é a vivência por semelhança. [Por aquilo que é igual, ou me parece igual. Por aquilo que vejo no espelho do meu desejo. Pelo desejo do meu desejo de ser igual. E, no igual, fundir-me na massa, no grupo, na identidade coletiva.]

...em direção a uma nova perspectiva

Dentre vários momentos de transformação, ao longo da História, estamos vivendo um desses momentos cuja característica “é a transformação de nossa cultura material pelos mecanismos de um novo paradigma tecnológico que se organiza em torno da tecnologia da informação” (Castells, 1999, p.49).

Esse novo paradigma traz em si uma nova relação de tempo e de espaço. Quando pensamos que a informação passa a ser a principal matéria-prima, podemos aproximar-nos de um sentido de práticas materiais menos territorializadas e, como já vimos, mais fragmentadas. Isso porque, ao contrário das práticas materiais que historicamente estavam relacionadas aos processos de urbanização da cidade e que necessitavam de lugar fixo e de continuidade para o seu desempenho, a informação, sendo uma matéria-prima muito mais flexível e expressando-se nas mais diversas materialidades, necessita muito pouco de um lugar preciso. A aplicabilidade da informação como ferramenta operacional, e não mais só como produto, exige da cidade uma nova maneira de se configurar que não esteja somente apoiada na territorialização fixa dos espaços construídos. Há uma “nova” concepção de cidade sendo gerida aí, mais flexível e menos territorializada.

Quando descrevemos a maneira como as mídias vão delineando a dimensão pública dentro de um universo cada vez menos fixo na realidade cotidiana, estamos buscando compreender que relações de tempo e de espaço as mídias digitais pausam hoje. De todas as formas de se nomear a sociedade atual, vem sempre junto a “mídia” como o principal fator de constitui-

ção dessa modernidade. Não só a mídia, mas as novas tecnologias digitais.

Santaella apresenta a cultura das mídias como aquela que se distancia da cultura de massas pelo fato de instaurar uma cultura do **disponível** e do **transitório**. **Disponível** é aquilo que está à nossa disposição, ao nosso desejo; **transitório** é aquilo que nos passa rápido pelas mãos, que se vai, efêmero. A idéia de que há uma gama de possibilidades disponíveis ao desejo, fáceis de consumir e, portanto, de rápida circulação, faz com que se mude a concepção da figura do receptor.

No modelo das mídias de massa, estava impregnada a visão de um receptor passivo, na qual as informações eram passadas em um sentido único, da produção a uma imensa multidão de receptores. Com a cultura de tecnologias, como fotocopiadoras, videocassetes, *videoclips*, *videogames*, TV a cabo, há a possibilidade da escolha e de um consumo mais individualizado, diferente dos consumos massivos das mídias anteriores. É a possibilidade de escolha que nos retira da inércia da recepção gerada pelas mídias de massa. Esse será o primeiro passo para a construção do processo interativo que as mídias digitais constituem.

A escolha não altera somente os processos de recepção, altera também a maneira como a informação é produzida. Se a televisão é um dos meios mais emblemáticos da cultura de massa, nesse processo midiático – da passagem da cultura de massas para a digital – ela também deverá reestruturar-se. Passará a produzir um determinado tipo de informação que poderá ser alvo das novas mudanças midiáticas, libertando-se, de uma certa maneira, de seu modelo centralizador de informação no que diz respeito à recepção.

A cultura das mídias exige um tipo de formato de informação que não está mais pautado na extensão, nem, tampouco, na continuidade lógica do argumento. É como se não fosse mais necessário que as coisas tivessem um início, um meio e um fim. Assim, a informação se apresenta, na atual modernidade, de maneira fragmentada.

Se considerarmos que o antigo receptor, aquele da passividade, não mais espera a informação completa em toda a sua integridade, então, o modelo da programação deverá adequar-se ao novo rearranjo. Esse rearranjo mais fragmentado está constituído por um processo de aceleração da informação. Por isso, o programa passa a ter uma lógica que propõe um tipo de recepção mais ativa. E, se a recombinação da informação já é possível ser feita pela escolha do espectador, aquele que não mais espera, então, a velocidade será a marca da nova cultura – a velocidade do transitório, da múltipla escolha. Se tudo isso ainda não é assim tão pleno, pelo menos, ao nosso novo espectador queremos fazer crer que tudo já é possível.

Tudo já é tão mínimo e personalizado, que as relações características da realidade da vida cotidiana, marcadas pela diferença, pelo que não é familiar, pela presença do estranho, parecem coisas do passado. A escolha passa a ser o “carro-chefe” dessa nova cultura. Estamos frente a um universo de informação cada vez mais fragmentado e diversificado totalmente disponível ao nosso desejo. [Escolho aquilo que me é caro, aquilo que faz parte do meu desejo. Essa possibilidade de múltipla escolha está sendo potencializada pela lógica das redes, pois não necessito esperar a informação chegar. Posso acionar a rede de qualquer lugar].

A lógica da rede já permite o que antes era impossível para mim: o meu encontro com aquele que me é mais caro, o outro que é “igual” a mim, que pertence à mesma tribo, que tem os mesmos desejos. Não importa se ele vive no Japão ou na Bolívia, ou ainda em Paris. [O que é significativo para mim é que há por todo o planeta (que a essas alturas já se assemelha ao quintal da minha casa) um grupo de pessoas iguais a mim, com o qual compartilho os meus desejos. O mundo me é íntimo. Não todo o mundo, mas o meu mundo desejado. Essa constituição do meu desejo é, na realidade, a constituição de uma tribo].

A noção de tribalismo em Maffesoli está marcada pelo sentimento de “pertença” (1998, p.195). Identifico-me ou não, seja por aceitação ou por exclusão, a um grupo do qual faço parte e do qual me reconheço como membro estruturador. São grupos em que os indivíduos, constituidores de uma *persona*, se enraízam, buscando abrigo e segurança, mesmo que essa noção de pertença seja por um tempo determinado. E é exatamente por esse tempo curto que há, no tribalismo, um caráter efêmero – por aquilo que me faz presença temporariamente. A tribo se organiza conforme as ocasiões e, portanto, se esgota na ação.

Trazendo essa noção para dentro da lógica das redes, podemos identificar uma clara tendência à valorização do espaço das redes em detrimento do espaço territorial característico da cidade. O espaço das redes permite, com mais velocidade, a recombinação das mais diversas tribos. Na rede digital, construímos, com mais facilidade, uma *persona* que pode transitar à vontade por essas novas socialidades. O fato de a tribo ser um grupo que se organiza muito mais por identificação simbólica do que por identificação territorial, faz com que, na rede digital, a construção das socialidades seja facilitada. O tensionamento entre o eu e o que está fora dele é menor na rede do que na realidade da vida cotidiana.

Parece haver uma construção em paralelo de duas realidades: uma limitada pelas barreiras físicas que conhecemos como a realidade cotidiana e a outra, ilimitada e possível, pelas redes digitais do ciberespaço. Antes que tal discussão pareça ser di-

cotômica e excludente, é interessante acrescentar uma reflexão de Virilio sobre isso. Segundo ele,

a questão do próximo e do distante é a questão da cidade. O próximo é aquele que está ao meu lado e com o qual formo a cidade e defendo o direito da mesma. Os que estão fora da cidade são, efetivamente, estrangeiros, inimigos, e, hoje em dia, a questão da perda volta-se a plantar. Amar o distante, digo, o estrangeiro, sim! Mas amar o que está longe em detrimento do próximo, não! (1999, p. 43).

Pode haver um certo nacionalismo na afirmação de Virilio, mas o que ele, de fato, quer é chamar a atenção para um discurso comum que valoriza o poder de conexão permitido pela rede digital e que, por isso, exerce fascínio. No entanto, muitas vezes, não percebemos que há, nesse discurso, um “descolamento” da base física territorial. Parece haver uma prioridade nas relações organizadas pela rede digital em detrimento das relações no espaço da realidade cotidiana. E isso quer dizer que

se amanhã amamos unicamente o que está distante sem ser conscientes de que odiamos o nosso próximo porque está presente, porque cheira, porque faz ruído, porque me incomoda, porque me solicita, a diferença do que está distante – do que posso me safar – então, se amanhã nos empenhamos em preferir ao que está distante em detrimento do que está próximo, destruiremos a cidade, digo, o direito da cidade (VIRILIO, 1999, p. 43).

A questão não é reduzir essa discussão a uma simples dicotomia entre o espaço da realidade cotidiana e o espaço das redes digitais. Tampouco acreditamos que uma realidade corre em paralelo a outra e a supera. Mas o que pretendemos é recuperar algumas questões que parecem desaparecer no âmago das paixões da nova realidade da cultura do digital.

A mídia, como prótese tecnológica, aparece de várias maneiras ao longo das teorias comunicacionais. Normalmente, considerada como extensor do potencial orgânico, a tecnologia midiática comparece nas discussões como um fator de qualificação da ação humana. O homem, considerando a identificação de uma ação limitadora, pode, com a tecnologia, ampliar e minimizar essa dificuldade. A noção de prótese quase sempre surge como um qualificador do potencial humano.

No entanto, McLuhan amplia essa noção, quando apresenta a extensão como “auto-amputação”. Assim, inverte a visão de prótese, não só como qualificador da ação, mas também como inibidor do potencial orgânico. A cada momento em que qualificamos um organismo humano, ao mesmo tempo, o invalidamos, reduzindo sua potencialidade para fazer algo. Para ele, quando estamos “sob pressão de hiperestímulos físicos da mais variada espécie, o sistema nervoso central reage para prote-

ger-se, numa estratégia de amputação ou isolamento do órgão, sentido ou função atingida” (2001, p. 60).

Com isso, quer dizer que há uma pressão sobre o órgão, resultado de cada nova invenção. Por exemplo, é o caso da roda como extensão dos pés. O aumento das trocas sociais em longas distâncias criou uma aceleração do ritmo da vida cotidiana que tensionou a ação dos pés. Era necessário que houvesse uma aceleração desse órgão que foi possível por meio de uma extensão – a roda –, mas, ao mesmo tempo, gerou auto-amputação daquela função corporal.

Nessa perspectiva, Virilio (1993, p. 124) aponta para uma imobilidade total, em que não será mais necessário nos locomover, pois tudo chegará a nós, em tempo real. “É difícil imaginar uma sociedade que negue o corpo, do mesmo modo que se foi progressivamente negando a alma, e, todavia, é para lá que nos encaminhamos”. Essa noção de incapacidade orgânica que a tecnologia gera, faz com que pensemos as mediações tecnológicas como imobilidades.

...das mídias analógicas às mídias digitais

De qualquer maneira, o aspecto tecnológico passa pela discussão da atual realidade social. Seja de forma mais integrada ou um tanto apocalíptica, ela se faz presente, não só pelos aspectos de compatibilidade da máquina com o seu usuário, por meio da interatividade, mas também pela própria diferenciação entre as mídias analógicas e digitais. As mídias foram divididas entre aquelas que fazem parte do mundo analógico e as que constituem o mundo digital.

Para a maioria dos teóricos que vêm estudando as novas tecnologias, esse espaço paralelo é nomeado como ciberespaço, termo que designa o espaço que é gerado pela interconexão dos computadores. Mesmo que consideremos que há de fato um espaço que só pode ser acessado via computadores, parece-nos um problema reduzir a cultura do digital ao ciberespaço. Como acreditamos que essa tecnologia entra no contexto cotidiano como um fator de complexidade e não como uma realidade paralela, propomos pensar essa nova situação, considerando o digital, e não o ciberespaço.

Sob o ponto de vista da experiência espacial, tal realidade não pode ser reduzida a uma realidade paralela. Se o ciberespaço aponta para uma nova experiência tecnológica, essa mesma experiência não está dissociada das materialidades convencionais do espaço da realidade da vida cotidiana. Parece-nos que a nomenclatura ciberespaço encaminha para um sentido de totalidade e, talvez por isso mesmo, apareça, quase sempre, como uma realidade paralela e independente. O que parece mais coe-

rente é pensar esse universo na sua base, na sua constituição, naquilo que o faz surgir, que é o digital.

É o digital que se formaliza como uma substância, de certa maneira, “imaterial”, que dá suporte à realidade do ciberespaço. Além disso, perpassa, como um “líquido”, a realidade da vida cotidiana – não-digital. A relação entre esses dois espaços não é determinada, nem, tampouco, simples. O ciberespaço só existe se estiver apoiado na realidade das materialidades cotidianas. Por outro lado, essa realidade não tem mais a mesma funcionalidade se estiver apartada do digital. A relação se estabelece em um movimento duplo de contingência. E, além de duplo, manifesta-se em um plano simultâneo. A realidade cotidiana dá suporte material ao ciberespaço, e este, ao mesmo tempo, amplia as possibilidades experienciais dela.

...sobre as desmaterializações e desterritorializações

Saramago escreveu um conto intitulado *Coisas* no seu livro **Objecto Quase**. Nele, a cidade vai perdendo suas partes. Todas as suas materialidades, aos poucos, somem. Uma porta já não precisa ser aberta, pois ali só está presente o vazio. Uma escada não se sobe nem se desce, porque não há pavimento superior, e, se tal tivesse, não existiriam mais degraus para subir. Uma calçada já não se diferencia do meio da rua, pois tudo é uma coisa só, um grande vazio. “As ruas não aparentavam grandes prejuízos, mas notava-se, na cidade, uma geral deterioração, como se alguém tivesse andado a tirar pedacinhos aqui e além, como fazem aos bolos as crianças...” (1998, p. 87)

A cidade de Saramago, paulatinamente, se desmaterializa, transformando-se em puro vazio. Não há mais espaço, só luz. Onde antes havia espaço construído, agora, só o espaço do vazio. Essa imagem do espaço construído, que, aos poucos, perde suas partes materiais, que se esvai em um banho de luz, não só faz parte do universo ficcional da literatura, mas também aparece nas discussões sobre a realidade das redes digitais. Construída por Saramago, essa imagem permite traçar um paralelo com os efeitos de sentido gerado pelas redes digitais. Para alguns autores, elas geram uma espécie de “desmaterialização espacial”.

A imagem que temos de cidade como organização espacial é uma ordenação de sólidos, não só os espaços físicos construídos como também as edificações, praças, ruas, e, ainda, as pessoas e os objetos que por ela circulam das mais diversas maneiras: carros, produtos, coisas de diferentes procedências, porém, quase sempre, na forma de sólidos visíveis e ocupando uma razoável porção de espaço. É claro que nem tudo circula dessa maneira sólida, no entanto, podemos considerar, em princípio, que a maioria dos fluxos da cidade é sólida.

Com a atual modernidade, essa “verdade” não se afirma. Há um aumento considerável dos fluxos não-sólidos, ou menos sólidos. Muitas das práticas sociais são resolvidas pela rede, sem qualquer tipo de deslocamento físico no formato sólido. Como já vimos, a digitalização é um dos principais responsáveis por essa “desmaterialização”. Com a mudança na materialidade, modifica-se também a relação de tempo e de espaço. Se os produtos simbólicos transitam pelas redes digitais com alta velocidade, então o que vale é o tempo que utilizam para esse trânsito e não mais o espaço para a sua fixidez. Então, para os fluidos mais importa o tempo do que o espaço, ao contrário dos sólidos, em que o tempo pode ser desconsiderado. É por essa característica de fluidez que os novos conteúdos simbólicos têm que associamos a desmaterialização à desterritorialização, ou, ainda, pelo fato de não pertencer a um território específico.

A noção de territorialidade, segundo Duarte (2002, p. 77), “está ligada à idéia de domínio, à área de influência de uma determinada espécie num espaço e de um de seus elementos sobre seus pares”. [Quando me encontro fixado, com meu corpo, em um determinado local, tenho a sensação de pertencer a ele. É como se a esse espaço pudesse dar um valor significativo, que, além de ser de minha propriedade, mesmo que temporária, compartilho com outros. Se posso dizer que a esse território pertença, é porque reconheço nele valores que para mim são caros].

No entanto, a que território pertence um fluxo? A todos e a nenhum, ao mesmo tempo, porque, a cada vez que tentarmos fixar o fluxo, automaticamente, ele passa a inexistir. A noção de desencaixe de Giddens está diretamente relacionada à noção de desterritorialização. Para desencaixar, é preciso dar mobilidade àquilo que até então era fixo. Nesse processo de desencaixar, retiramos algo de uma base territorial e, com isso, permitimos a fluidez. Eliminamos as ordens espaciais, e passam a reger as ordens temporais.

...a respeito de espaço e de tempo

A noção de território faz parte de uma significação maior que é o conceito de espaço. Espaço pode ser considerado um conceito que incorpora essa noção. Ao longo da história, essa diferença se deu de várias maneiras. Mas há uma certa centralidade na tensão entre corpo e mente como constituidora do conceito de espaço: por um lado, um corpo que se desloca e mapeia o espaço a partir dele, e, por outro lado, uma mente que constrói e entende as relações espaciais por meio de um movimento de abstração. É interessante verificar que a discussão do espaço se relaciona à busca de um espaço absoluto e de um espaço relativo.

Partindo do espaço relacional, pretendemos construir um conceito de espaço que coloque a presença do olhar e do objeto visto em um mesmo plano, ou seja, em um espaço que só faça sentido na relação. É de um ponto localizável que se relacionam as posições de perto, de longe, de alto e de baixo. É o ponto originário que se reconhece como corpo. É a partir dele que se experiencia o mundo de forma sensível. A esse espaço relacional passamos a chamar de espaço presencial, considerando o contexto como uma relação direta entre corpo que observa e objeto observado. É, por definição, um espaço que engloba observador e observado, é o espaço das interações face a face.

Do espaço absoluto da filosofia, propomos que se pense um espaço da não-relação, ou melhor, se o espaço anterior era o da presença, por contraponto, esse é o da ausência. É o espaço da ausência de um corpo. A ausência que propomos é a ausência da co-presença entre corpo e objeto, entre aquele que observa e aquele ou aquilo que é objeto da observação, é o espaço da interação mediada. A esse espaço passamos a chamar de espaço não-presencial.

Parece haver uma relação entre o agir e o perceber e os respectivos espaços. No espaço presencial, a ação é concreta, relacional, e a percepção, visível. No espaço não-presencial, o que modifica é a percepção, passando para a visibilidade não-direta. A ação se realiza, mas de uma forma não-palpável, não-localizável. Tais espaços coexistem em um mesmo plano de realidade: a realidade cotidiana. Contudo, não só coexistem, como também funcionam articulados. O espaço não-presencial necessita da materialidade sólida do espaço presencial para ter sentido de realidade. Funcionam em uma relação de dependência, já que suas características são bem diversas. Os objetos que circulam por esses espaços têm materialidades diversas, e, por isso, a relação com o espaço também modifica. O espaço não-presencial é fluido, tem a velocidade da imagem, do som, enquanto o espaço presencial é mais resistente, menos poroso, tem uma velocidade bem mais reduzida.

Apesar de a ação ocorrida no espaço não-presencial ter uma base material física, fixa, visível e presencial, as discussões das redes digitais tentam polarizar esses dois espaços em uma relação de supremacia favorável ao espaço não-presencial. É como se o espaço não-presencial pudesse existir independente das materialidades visíveis do espaço presencial. No entanto, apesar de não ocorrer essa total independência, há de fato uma interferência das tecnologias no ambiente como um todo e na relação da casa com a cidade. A casa, elemento protetor dessa tecnologia, comunica-se com a cidade não mais só por suas capacidades arquitetônicas (portas, janelas, vãos livres...), mas também por meio de seus aparatos eletrônicos.

O conceito de tempo, tal como o de espaço, não tem um sentido único. Segundo Abbagnano (1999, p. 944), o conceito de tempo na filosofia pode ser dividido em três grupos fundamentais: primeiro, **tempo como ordem mensurável do movimento**; segundo, **tempo como estrutura de possibilidades**; terceiro, **tempo como movimento intuído**. A concepção de ordem vincula-se, na Antiguidade, à noção cíclica da vida do homem e, na época moderna, ao conceito científico de tempo. A segunda deriva da teoria existencialista. E a última vincula-se ao conceito de consciência, e modernamente essa concepção foi recuperada e desenvolvida por Bergson com base na noção de tempo vivido, ou ainda, do conceito de duração. “Duração da consciência como uma corrente fluida na qual é impossível até distinguir estados, porque cada instante dela se transpõe no outro em continuidade ininterrupta, como acontece com as cores do arco-íris” (ABBAGNANO, 1999, p. 947).

Dentre as concepções de tempo acima, a idéia de tempo como consciência do movimento parece-nos mais operacional para o desenvolvimento desta tese. A consciência de tempo contínuo como extensão de um presente parece ser compatível com a idéia de espaço que estamos desenvolvendo. A idéia de tempo contínuo possibilita a articulação entre os espaços presenciais e não-presenciais.

Estou em um ponto A, territorializado e definido pelo meu corpo. Por outro lado, também estou em outro ponto a que chamo de B. No entanto, as presenças se diferenciam em materialidades. Em A, estou em presença corpórea, mas em B, estou presente por representação, todavia ainda estou presente, no sentido de que posso agir em ambos os espaços, A e B. Então, se estou em A e B ao mesmo tempo, e considerando que A e B não são o mesmo espaço e, por isso, não estão no mesmo lugar, tenho a sensação não só de tempo simultâneo, mas também de um tempo estendido, ou de um tempo dilatado.

Com isso, queremos dizer que existe entre A e B um trajeto, uma extensão espacial, que não se experiencia, pois não há, de fato, um deslocamento, um ponto existencial a cada instante, a cada espaço. [Não percorro todas as possibilidades de estar presente nas extensões do trajeto, mas, mesmo assim, tenho a consciência dele. Ele existe em uma certa materialidade a qual não vivencio, não experimento em sua extensão, contudo ele está aí. E, porque tenho a consciência de tal trajeto, mesmo sem tê-lo vivenciado plenamente em todos os seus pontos de existência, posso dizer que minha experiência se dá em um tempo dilatado. Tenho consciência de que, mesmo que não tenha percorrido o trajeto, levaria uma porção de tempo para vencê-lo].

Posso pensar que, se A está em um espaço presente a meu corpo e que minha correspondência representacional está em B, espaço esse que não presencio corporalmente, a distância

entre os dois pontos está abarcada por uma consciência de espaço dilatado. Se posso pensar em um espaço dilatado, posso pensá-lo como um espaço único. E, como espaço único, é possível considerá-lo como um único corpo existencial.

...sobre as implicações de tempo e de espaço

Como vimos até então, a experiência espaço-temporal no cotidiano da cidade está sendo transformada pelo uso das tecnologias digitais. As relações face a face, em parte, foram sendo substituídas por relações mediadas pelas tecnologias midiáticas. Com isso, a sociedade atual investe massivamente nas interações a distância. O agir a distância passa a ter prioridade em uma lógica em que o tempo conta mais que o espaço.

Nessa perspectiva, o espaço não é mais fixo, é fluxo. E, constituindo-se como fluxo, não tem mais contornos definidos, pois, devido à capacidade de fluidez que o fluxo tem, não é mais possível reter com precisão o espaço. Por isso, podemos pensar que a noção que tínhamos de limite da cidade se foi com a queda dos muros da época medieval. Nem a diferença entre centro e periferia, com clara evidência na cidade moderna, já nos serve para explicar a ordenação espacial da cidade.

Quando falamos em processo de aceleração de partículas, de informação, é a visibilidade do limite que muda de contorno. Os objetos em deslocamento, na cultura digital, não têm mais seus contornos definidos, pelo contrário, a materialidade é puro fluxo. Considerando que essa realidade é fluida, vivemos a cidade sempre dentro dela, pois ela já não nos faz face. Não falamos mais em limites, mas em interface.

Sob essa lógica, podemos construir uma inversão: a cidade passa a ser menos uma organização espacial e mais uma organização temporal. Em vez de pensar em aglomerações urbanas, como algo fixo, propomos que se pense em aceleração das telecomunicações, ou seja, nos fluxos. Assim, os antigos limites definidos por barreiras físicas passam a ser substituídos por alternâncias nas emissões. É mais o fluxo que deve ser gerenciado e menos as organizações fixas.

Então, quando se opera no tempo dilatado, se está imobilizado no espaço presencial, e o que de fato é operado são transmissões em diferenças de tempo. Portanto, não há um deslocamento espacial, mas uma incorporação do espaço distante como algo presente, uma sobreposição de espaços em um tempo único, sem trajeto. Se não há mais trajeto, tampouco deslocamento, a cidade passa a ser experienciada não só pelas suas materialidades como, sobretudo, pelos seus efeitos especiais, gerados pelas novas tecnologias digitais.

Essa ruptura com a realidade imediata, gerada pelas mediações, que permite um conhecimento de realidades nunca

antes vistas, possibilita alterações nos modos de interpretá-la. A realidade cotidiana midiaticizada passa a ser muito mais performática do que se imaginaria ser por meio das experiências sensíveis. A possibilidade de alteração dos fatos ocorridos face a face é menos manipulável do que os registros feitos pela mídia em geral. No caso da mídia digital, a construção de um referente com feições de real é cada vez mais viável. Há, portanto, um desequilíbrio entre o material simbólico, percebido diretamente pelos nossos sentidos, e aquele midiaticizado pelas tecnologias midiáticas. Isso é tão significativo que passamos a tomar como verdadeiro mais a representação do que o objeto representado.

Essa visão inverte a noção de ponto de vista. Ao contrário daquela, em que o observador, posicionado em um determinado lugar, olha o objeto e o tinha de uma maneira reduzida, agora percebe a mesma coisa de uma maneira total, como se fosse um olhar divino. No olhar ubiqüitário, as imagens são captações de todos os lados: de cima, de baixo, de dentro, de fora, organizadas de forma a construir uma outra coisa que não o objeto visto, mas o construído.

O olhar da perspectiva é um olhar reduzido, interrompido pelas mais diversas barreiras, enquanto o outro é um olhar pleno. No entanto, a percepção/recepção dessas informações ocorre de maneira distinta. Na perspectiva, há uma unidade, uma continuidade temporal que permite que o objeto seja desvelado pouco a pouco. O mesmo não ocorre com a recepção das imagens eletrônicas. Nesse caso, as imagens chegam todas fragmentadas e passíveis de recombinações com uma lógica diferente da do objeto observado. Se antes o observador definia o ponto de vista no momento em que se situava frente ao objeto, agora são as imagens que pré-definem a posição do observador. Não mais o observador escolhe o objeto, mas o objeto escolhe o observador.

Essa inversão reafirma a experiência do tempo dilatado, o tempo em que todas as coisas parecem ocorrer em um mesmo intervalo. É como se tivéssemos as ações ocorrendo todas simultaneamente, em paralelo. Um tempo em que as coisas não escorrem mais de maneira vertical, com a lógica de um antes e um depois, mas de maneira horizontal, quase em um processo de sobreposição. Tudo parece ocorrer em um mesmo instante.

O que verificamos é que a ordem temporal da percepção das coisas é contínua e construída pouco a pouco em um antes e um depois. Já a da recepção das imagens em tempo real é descontínua e fragmentada. Tais cenas são recortadas do seu fluxo contínuo e da sua ordem de origem e são recombinadas em uma outra lógica, a do receptor.

Tais possibilidades em nossa visão têm uma implicação social significativa. Se o receptor não é mais o mesmo das culturas de massas – “o ser passivo” – ele já é aquele que busca pelo seu

igual. Parece que entramos na “cultura de ‘Narciso’”: o indivíduo escolhe, dentre as múltiplas situações que a rede oferece, aquelas que respondem ao seu desejo. Trata-se de desejo que constrói uma identidade coletiva, que, a essas alturas, já se assemelha mais às tribos de Maffesoli do que ao eu coletivo de Sennett. Talvez os indivíduos não sejam tão organizados na territorialidade urbana, mas já ressignificados na e pela lógica da rede. O movimento de apartar-se da realidade da vida cotidiana é mais um afastar-se temporalmente do que espacialmente.

Se, na acepção de Virilio, o espaço perde sentido para o tempo, então podemos afirmar que as relações de proximidade que são marcadas pelas dimensões espaciais, fazem menos sentido do que as relações a distância definidas por uma lógica temporal. Nessa lógica de tempo, a ausência do que está distante ganha presença imediata pelas transmissões eletrônicas. É uma espécie de supremacia da presença do ausente. Ou seja, aquilo que antes era longínquo e estava apartado fisicamente, agora se faz presente por representação em imagem. É como se estivesse afastado da presença daquilo que antes fazia limite, daquilo que atingia sensivelmente. Há um afastar-se do objeto para reencontrá-lo como imagem.

Desse modo, vivemos a experiência de um tempo intensivo contrário ao tempo extensivo de outrora e, assim, passamos da era da mobilidade para a da imobilidade ou da “inércia polar”. A velocidade do veículo audiovisual não serve mais para nos deslocarmos, mas para vermos. “Se o tempo é história, a velocidade é apenas a sua alucinação, uma alucinação perspectiva que destrói toda a extensão, toda a cronologia” (Virilio, 1993, p. 44). Caminhamos para uma sedentarização definitiva, na perspectiva de Virilio.

Assumiremos essa sedentarização ou inércia polar como um fator determinante das novas relações. Se a possibilidade do não-deslocamento tem a ver com a chegada das imagens e das informações em tempo real e, acima de tudo, com a realidade dos telecomandos, então, estamos iniciando um processo de imobilização absoluta com o crescente redesenho do universo doméstico. Da antiga necessidade de deslocamentos na cidade, passamos à comodidade de um habitar sem deslocamento.

A casa encontra-se, em um primeiro momento, a “substituir” suas portas e janelas por telas. Tal substituição possibilita que o que chega ou saia seja menos uma corporeidade física do que fluxos de imagens. Em um segundo momento, são as próprias ações de telecomando acionadas por controle remoto que alteram as práticas domésticas. Então, não levantamos mais da cadeira para ligar o aparelho de som, para desligar a televisão, para trocar de canal, estamos indo em direção aos comandos de voz em que poderemos, em breve, regular as luzes, abrir e fechar portas e janelas.

Ao contrário das necessárias deslocções para alterar e vivenciar determinados espaços da casa, parece que caminhamos para um viver em um espaço único, cada vez mais reduzido ao próprio corpo do indivíduo. Um corpo potencializado pelas mais diversas próteses. “O homem já não está dentro da arquitetura, é a arquitetura do sistema eletrônico que o invade, que está dentro dele, na sua vontade de poder, nos seus reflexos, nos seus mais ínfimos desejos” (Virilio, 1993, p. 100).

Essa inversão nos faz pensar que, se hoje a arquitetura é menos um espaço a ser habitado e mais um dispositivo de telecomando do tempo, passamos, então, a pensar a cidade como uma organização temporal mais do que espacial. A cidade precisa ser operada pelos seus mecanismos de tempo. Com isso, ela parece se duplicar em camadas que se sobrepõem. Por um lado, norteadas pelas ordens espaciais dentro da realidade das materialidades físicas da vida cotidiana, por outro lado, marcada pela administração de tempo dentro da realidade das redes. De qualquer maneira, é a partir dos “casulos” eletrônicos, seja a casa computadorizada, seja o corpo híbrido e tecnologicado, que a realidade parece ser operada.

Referências bibliográficas

- ABBAGNANO, Nicola. *Dicionário de Filosofia*. São Paulo: Martins Fontes, 1999.
- BERGER, Peter e THOMAS, Luckmann. *A Construção Social da Realidade*. Petrópolis: Vozes, 2003.
- CASTELLS, Manuel. *A Sociedade em Rede*. São Paulo: Paz e Terra, 1999.
- DUARTE, Fábio. *Crise das Matrizes Espaciais*. São Paulo: Perspectiva, 2002.
- MAFFESOLI, Michel. *O Tempo das Tribos: o declínio do individualismo nas sociedades de massa*. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1998.
- MCLUHAN, Marshall. *Os Meios de Comunicação como Extensões do Homem*. São Paulo: Cultrix, 2001.
- SANTAELLA, Lucia. *Cultura e artes do pós-humano: da altura das mídias à cibercultura*. São Paulo: Paulus, 2003.
- SARAMAGO, José. Coisas. In: *Objecto Quase*. São Paulo: Companhia das Letras, 1998.
- SENNETT, Richard. *O Declínio do Homem Público: as tiranias da intimidade*. São Paulo: Companhia das Letras, 1988.
- VIRILIO, Paul. *A Inércia Polar*. Lisboa: Publicações Dom Quixote, 1993.
- _____. *El Ciber mundo, la Política de lo Peor*. Madrid: Ediciones Cátedra, 1999.

DEBATE

Erno Wallauer (Professor na Unisinos) – Eu não peguei desde o início a sua exposição, mas me surgiu uma pergunta no decorrer dela. A Internet é fruto da busca de poder do ser humano, podemos dizer isso, que, por um lado, busca a sua expansão, essa dimensão tempo, mas reduz a sua ação, digamos, ao mesmo tempo, também no espaço. Ele não se movimenta, ele se imobiliza de uma certa forma. Como o senhor falou, se eu entendi bem, é dialética esta evolução que nós experimentamos na nossa cultura, por um lado, é ganho de poder, mas também, ao mesmo tempo, é perda de poder?

Paulo Reyes – Isso é uma coisa que me incomoda um pouco e que vem me preocupando. Eu até tinha organizado a palestra de uma outra maneira. Depois de ler a última revista do IHU, *Na cidade sem meu carro*, é interessante ver as coisas que ocorrem um século depois, todo o discurso do século XIX para o século XX em relação à inserção do automóvel. A cidade medieval não permitia a nova tecnologia. O carro está aí para podermos alcançar novos espaços, ir a lugares aonde nunca fomos, para facilitar a vida... Então, um século depois, estamos com várias matérias nas revistas, dizendo como vamos viver sem este automóvel, como vamos andar na rua sem este carro que não mais nos desloca, mas nos imobiliza. Passamos horas em uma estrada, parados no meio de um engarrafamento. Eu acho que este é o paradoxo da tecnologia: ela nos permite várias coisas, mas ela cobra, e cobra pesado, e, no caso do automóvel, cobrou bem pesado. Brasília foi uma cidade toda projetada para o uso do automóvel e é uma cidade que rompe com as relações sociais. Ela consegue destruir as relações que acontecem na cidade. Isso me faz ficar imaginando, e isso é uma suposição, que relações a tecnologia digital vai alterar daqui a algum tempo? Paul Virilio tem um conceito de acidente, que ele trabalha muito. Ele diz que o naufrágio só existe, porque inventaram o navio, a queda do avião só existe, porque há o avião, então, na realidade, pensamos: “Se vamos ter naufrágios, vamos eliminar os navios”. Não é isso o que ele está querendo que pensemos, e sim que cada invenção tem o lado negativo. Na Europa, já existem hoje vários arquitetos redesenhando as cidades, visando ao efêmero, à velocidade. Parece-me muito prematuro repensar as cidades nesses termos, quando ainda não entendemos exatamente quais

são todas as possibilidades do digital. Eu, na tese, trabalhei com um ponto de vista muito apocalíptico. Assim, na realidade, eu investigo várias possibilidades muito interessantes do digital, mas eu optei por trabalhar as outras possibilidades que o digital nos oferece que não são muito positivas.

Pe. Inácio Neutzling – Qual seria a diferença se, em vez de Virilio, tivesse pegado Lévy, que têm posições contrastantes?

Paulo Reyes – Eu, quando comecei a trabalhar, as pessoas diziam que existem, na cibercultura, os integrados, que são Lévy e outros tantos, e há os apocalípticos, Paul Virilio, e há, ainda, os que dizem não pertencer a nenhum dos dois grupos. E acabei me posicionando. Na minha tese, havia um capítulo que trabalhava os integrados, os apocalípticos, e eu estava acima do bem e do mal. Foi engraçado, porque eu comecei a tese, baseado em um livro do Paul Virilio, *Inércia Polar*, e encontrei muitas coisas interessantes e quase li toda a obra dele. Pensei em trabalhar com ele. Depois li os integrados e também encontrei idéias interessantes, então estava mais inclinado para os integrados do que para os apocalípticos. Abandonei o Paul Virilio e tentei ficar acima do bem e do mal. Quando eu estava do meio da tese para o final, notei que tinha um discurso que não era meu, que já tinha lido em algum lugar, então consegui me dar conta de que havia incorporado totalmente o discurso dele. Foi aí que resolvi assumir um viés apocalíptico. Sinto-me mais próximo de Paul Virilio, pelo fato de ele ser arquiteto e ter uma visão de filósofo muito pautada na arquitetura, por isso, talvez, este viés apocalíptico.

David Daroit (aluno Arquitetura) – Gostaria de comentar que, na empresa onde eu trabalho, falando da perda do espaço, tem uma sessão dos arquivos mortos onde são guardados todos os contratos, e dá para fazer um setor virtual, que seria um espaço livre. Esta palestra foi interessante, porque sentimos que começamos a ganhar espaço e tempo e há vantagem nisso. O que acontece é que vamos perdendo a materialidade à nossa volta. Daqui a uns dias, chegaremos ao banco e não encontraremos mais os atendentes, apenas computadores, que serão quase mais importantes do que a pessoa que vai nos atender, nós vamos nos auto-atender.

Prof. José Lara – Estamos aí com a greve dos bancários, e não há pessoas para atender a população, que não sabe usar o digital. Outro exemplo que eu queria dar sobre isso, para comprovar exatamente o que eu estava pensando. Eu estava com problemas para assistir a sua palestra de hoje, porque eu tinha que ir ao Banco Santander, então eu fui ao Santander ali ao lado (está

se referindo ao caixa eletrônico localizado fora do banco) e, em três minutos, fiz a operação.

Paulo Reyes – Tem essas vantagens. Eu não deixo de resolver a minha vida pela Internet. Mas eu fico imaginando uma coisa interessante: na década de 1980, havia a cultura das academias. Muita gente andava mais de carro e compensava a falta de exercício indo às academias. Ainda existe muito isso. Nos últimos cinco anos, o que tem aparecido de academia que tem incorporado a yoga..., porque, assim, ficamos conectados o tempo inteiro com o mundo, mas não temos como estar conectados no aqui, agora, nunca podemos estar conectados com o nosso corpo, com a nossa respiração... Então, pagamos para podermos, uma hora da semana ou do dia, nos sentarmos para ficar sozinhos, meditando. Isso é absurdo, pagamos e ainda agradecemos, porque alguém nos permitiu pagar uma hora para estarmos conosco mesmos. Essa questão que tu falaste que os espaços estão diminuindo eu vivi o ano passado. As agências bancárias em Barcelona me chocaram. Barcelona é uma cidade que está atraindo imigrantes do mundo inteiro, virou a cidade da moda. Então existe um problema muito grande de desemprego, e a tecnologia tem ajudado nisso. As agências bancárias são constituídas, em Barcelona, por uma escrivanhinha e uma pessoa atendendo. Não há mais ninguém, nem pessoas no banco que vão pedir informação, não tem fila. Só uma pessoa que atende o cliente, que recebe o dinheiro e vai embora. O nível de desemprego é muito grande por esta questão da tecnologia também. Os *corpus* que vão sendo reduzidos, as pessoas estão perdendo muito espaço para a questão digitalizada.

Érico (aluno PPG em Educação) – Quais são as propostas de reconfiguração das cidades em função desta tensão com cultura digital, a tensão entre o espaço urbano e o espaço digital?

Paulo Reyes – O que tem acontecido hoje em arquitetura é a discussão da arquitetura efêmera. Todos têm que fazer a arquitetura efêmera – uma arquitetura que precisa durar pouco tempo, que se transformar em outra coisa, que precisa ser outra. Na realidade, é o inverso da arquitetura tradicional, feita de materialidades para durar por muitos anos. Isso traz tensionamentos. Têm algumas questões de espaço que são muito semelhantes com a discussão que acontecia no início do século (por exemplo, a de Le Corbusier, que trabalhava com a idéia de que todo o homem se diverte, circula, come, dorme e trabalha). Então por ações básicas se conseguia dizer que o homem, em qualquer lugar do mundo, é igual, um japonês ou um boliviano, eliminavam-se as particularidades. Assim, eram definidos alguns padrões do que significava viver bem. Isso está se discutindo tam-

bém em relação à crise dos espaços, que são cada vez menores, porque a tecnologia resolve o problema do espaço, embora seja muito incipiente, muito de discurso, que não chega a se configurar. Eu acho que não se configura ainda, porque a questão toda é de fluxos e de materialidade que não se consegue materializar. Existe aí um paradoxo: sabemos que temos que lidar com fluxos, mas não sabemos como. Na minha tese, aconteceu algo interessante, quando eu tive que definir um *corpus*, um objeto para poder analisar, como essa é uma discussão contemporânea, foi muito complicado, porque não há cidades projetadas para uma vida digital. Logo, eu resolvi trabalhar com alguns filmes que pudessem me auxiliar na discussão. Só que, paralelamente, na minha vida cotidiana, eu estava sendo afetado por coisas que aconteciam, e eu não sabia como colocar na tese, porque o acontecimento do dia-a-dia ilustrava muito mais do que o do filme. Por exemplo, durante o período em que eu estava em Barcelona, eu fiz uma viagem com um casal de amigos a Paris. Saímos de carro, parecia uma história de ficção. Eu conto estas histórias, porque depois as anexo à tese. Foi a estratégia que eu encontrei, assim não está no *corpus*, mas está em anexo. As pessoas vão ler e vão entender o que estou querendo dizer. A história é a seguinte: Entramos no carro e fomos a uma “gasolinheira” colocar gasolina e não havia quem atendesse. Então, o meu amigo desceu do carro, passou o seu cartão de crédito, digitou a quantidade de gasolina e encheu o tanque do carro. Eu mal havia chegado a Barcelona. Para mim era tudo novidade, achei aquilo estranho. Entramos no carro e fomos pela estrada, *freeway*, totalmente fechada, os três dentro do carro. Paramos no pedágio, também eletrônico, moedinhas ou cartão, a gente passa o cartão de crédito, digita... Ali houve uma cena bárbara: o meu amigo estava digitando, e parou uma senhora em um outro guichê, e ela não entendia da tecnologia. Era uma senhora já com uma certa idade. Ela desceu do carro, as pessoas buzinaavam atrás, e ninguém descia do seu carro para ajudar, ela ficou meio zozna, não sabia o que fazer, olhava para aquilo, e a cancela não levantava, a senhora ficou um tempão ali, e ficamos atrás, ela já estava em crise, e ninguém ajudou, absolutamente ninguém saiu dos carros. As pessoas saíam de trás dela e iam para outro guichê. Passamos sem ver ninguém também, seguimos viagem. Chegou a noite, e paramos em um hotel de beira de estrada, chamado Fórmula Um. Este hotel é a coisa mais fantástica que eu já havia visto. Não havia ninguém na frente do hotel. Ele estava fechado. Na porta, havia um computador, onde digitamos o dia e o horário de entrada e de saída e o número de pessoas. Ele informou que tinha vaga e aceitou nossa hospedagem e deu uma senha. Fomos até a porta do hotel, digitamos a senha, e a porta abriu. Entramos e não vimos ninguém dentro do hotel, também era de madrugada... Fomos para o corredor, che-

gamos ao quarto, outro teclado, digitamos a senha e conseguimos entrar no quarto, sem ver absolutamente ninguém. Queríamos tomar banho, e o banheiro ficava no corredor. Era um banheiro, podemos dizer, coletivo e individual, era para o corredor inteiro. Depois de sair do banheiro, ele tranca e começa uma lavagem automática, parecida com as que fazem as máquinas de lavar roupa. Dormimos e, no outro dia, saímos do hotel e pegamos a estrada de novo. Chegamos a Paris. Eu disse: “Ah! Cidade de Luz”. Paramos na casa de um amigo deste casal com o qual eu estava. Ele nos convidou para dar uma volta. Entramos na camioneta, e ele perguntou onde queríamos ir. Dissemos: “Em tal lugar”. Ele digitou, em um computador a bordo, o nome da rua onde queríamos ir, e a voz de uma mulher, Loraine disse: “Boa noite, vá por tal rua”, e continuou informando por onde ir. Não olhávamos para a rua, e sim para Loraine. Não acreditávamos no que estávamos vendo. E ela ia dando o roteiro: “...dobre na rua tal, faça isso, faça aquilo... Havia um engarrafamento na quinta rua, e ela falou: “Tem um engarrafamento, você quer uma rota alternativa?” O senhor disse que sim. Então ela disse o que deveria ser feito. É isso, daqui a uns anos, vamos viver isso. Estávamos lá para ver Paris e, na realidade, estávamos encantados com Loraine. Outra situação pela qual eu passei lá que é engraçada. No meu Doutorado, eu fiz uma disciplina cujo professor era o meu orientador. Ele era fascinado por tecnologia e ele propôs que tivéssemos aula presencial e aula via rede. Eu era obrigado a fazer a discussão pela rede. Cheguei em casa e tentei. No primeiro dia, não consegui acionar o *site*, porque tinha que ter um computador superpoderoso para poder ter acesso. Eu só conseguia acessar o *site* na universidade. Eu saía de Barcelona, viajava uma hora de trem até a universidade, entrava em uma sala de aula, acessava e colocava um assunto para discussão que me interessava, e entrava um colega meu para debater, mas ele não discutia o texto que eu tinha pautado, ele escolhia outro texto, e entrava um terceiro que não debatia nem o meu texto nem o do meu colega, relacionava outro texto, e estávamos ali todos discutindo na rede, mas cada um debatendo consigo mesmo. Eu acrescentava outra discussão, e o outro acrescentava outra que ele lera, e a gente corria em linhas paralelas... Então, quando eu falo desta história de desejo, eu acho que, cada vez mais, temos uma rede que alimenta o que queremos e que não estamos muito abertos para as possibilidades que vêm acontecendo. Era muito engraçado, porque ficávamos ali horas, e a coisa não funcionava, e não funcionou mesmo.

Éderson Locateli (Filosofia) – Você colocou muito a situação, que também experienciamos hoje, da caixa de banco na própria universidade. Nem precisamos sair de casa para vir à biblioteca. Tiramos teses do mundo todo pela Internet e assim você chama

a atenção para o poder da tecnologia, como ela vem nos engolindo. Eu gostaria de saber se você refletiu sobre isso, se você pesquisou o que é próprio do homem neste momento, se é fazer yoga, se fazer coisas que o computador não vai fazer... O que é próprio do humano? Não deveríamos refletir o que cabe à tecnologia e o que cabe a nós?

Paulo Reyes – Na minha tese, eu tenho um capítulo em que eu falo sobre a interferência das mídias na constituição desta dinâmica pública, em que eu vou mostrando como cada mídia transforma isso. Eu pesquiso desde jornal, rádio, TV, vídeo até o computador. O que eu vi neste trabalho é que há uma tendência de ir para o espaço público. Assim, o jornal vai para o espaço público; o rádio, começa dentro de casa, vinculado à casa, depois ele vira miniatura e o carregamos para a rua. Apesar de fazer esta crítica e ter uma visão apocalíptica, eu acho que a tendência é ir para o espaço público mesmo. Pela questão da agregação das comunidades no espaço aberto e as pessoas não se isolarem, eu acho que ainda temos um primeiro momento de fascínio pela tecnologia, mas depois ela entra em um lugar comum e aí o contato humano ainda é mais forte do que a relação com a tecnologia. O que eu vejo, às vezes, e esta era a minha preocupação, é que a tecnologia passa a ser um objeto incorporado, como hoje o celular, que já é máquina fotográfica, já é várias coisas ao mesmo tempo. Isso não é só devido à tecnologia, há um processo de autismo das pessoas, de as pessoas estarem muito centradas nos seus próprios umbigos e parece que nada ocorre em volta. Eu não sei se isso tem a ver com tecnologia ou não. Às vezes, andamos na rua, e as pessoas estão lá, conectadas não sei onde e totalmente desconectadas do que está à sua volta. Eu não sei onde isso vai parar. Em Barcelona, eu senti muito isso. Não sei se era porque eu não era europeu e já há uma discriminação, mas independente disso, as pessoas estavam andando na rua e não sabiam se eram europeus ou não, mas há uma relação presencial muito esquisita de a gente passar meio invisível pelas pessoas. Houve situações, na Europa, que eu não entendi. Uma vez, eu estava sentado no trem, indo para a universidade, naqueles bancos duplos e havia uma pessoa no banco vazio do lado, uma pessoa na minha frente e dois lugares vazios onde era possível sentar. A pessoa que estava na minha frente, estava escrevendo no colo, e estávamos com os joelhos encostados, quer dizer não tinha espaço nem que os dois se movimentassem e entrou uma pessoa e parou perto. O meu movimento automático foi me virar, e a pessoa que estava na minha frente não fez nenhum movimento e a que estava de pé também não. Ela não pediu licença, ela não falou nada, ela parou e entrou. Outra vez eu passei pela mesma situação, mas eu resolvi ficar quieto para ver o que acontecia. Eu fiquei ali e a pessoa parou no mesmo lugar e

eu fiquei parado. Eu já estava nervoso, porque ninguém se movimentava, nem a da frente, nem eu, nem ela, nem os que estavam de pé e aí ele sentou. Eles, literalmente, empurram os outros e sentam. Eles têm muito bem delineado isto: querem e conseguem aquilo independente de quem esteja próximo deles. Eu achei aquilo muito estranho, eu não sei se era da cultura espanhola ou se está se globalizando dessa maneira. O mesmo no elevador, de as pessoas estarem dentro do elevador, conversando de costas para a porta e permanecerem assim, não serem capazes de se virarem, quando alguém entrava. Eu cheguei a ser grosseiro várias vezes, porque isso me incomodava muito.

Paulo Edi (Arquitetura) – Acho que isso é muito mais cultural, porque vemos que, em muitos lugares, há um respeito, uma comunicação maior. O catalão, por exemplo, em algumas situações em que nós pedimos licença, eles dizem “cuidado”. Se alguém vai passar com o carrinho do supermercado, diz: “cuidado”, então se não sairmos da frente, ele passa o carrinho por cima, porque não tomamos cuidado. Então, eu acho que é mais cultural. E existe uma certa diferença, inclusive, entre o catalão e o madrileno, ele é mais sociável, mais comunicativo em alguns outros lugares, por exemplo, na América do Sul cujos povos falam língua espanhola. Notamos uma sociabilidade maior. Eu acho que, neste aspecto, é mais uma característica do povo, de ser mais fechado. É um povo que tem muita dificuldade de fazer amizade e, depois de fazer, é muito amigo, mas ele é muito reticente.

Maroni Klein (Arquitetura) – Eu já tive a oportunidade de ver o Paulo, o Paulinho para nós. Eu acho interessante que alguém da Filosofia tenha feito um questionamento. Um filósofo cujo nome agora está me fugindo, já fez um estudo mostrando que este problema da comunicação também havia antigamente. Nas famílias, às vezes, o filho não conseguia se comunicar com os pais em relação às coisas básicas. Temos, pois, pessoas estranhas morando na mesma casa. Então isso sempre houve e, com o passar das épocas, o problema vai aumentando, logo isso sempre houve em toda a história. Não é só a tecnologia, talvez, ela potencialize essas tensões, mas não é ela a geradora, ele quer dizer nesse sentido, e eu achei legal, pois tem primeiro um fascínio lógico de que a tecnologia vai resolver tudo. Construíram um Titanic, o homem foi à lua, mas depois deste deslumbramento inicial, desta apropriação, trabalho que eu acho importante, tanto de arquitetura quanto de geografia ou qualquer outra área da informática de trabalhar no sentido desta comunhão, não vendo como uma coisa que vai acabar, como o homem se apropria desta tecnologia e a humaniza, esta coisa humanológica que até eles brincavam e traziam. E como que vamos tomar par-

te nisso é que eu acho interessante. Eu vou trazer exemplos mais da arquitetura. Tem, em São Paulo, um projeto que se chama Visorama, que não é para alienar as pessoas, e sim há o levantamento de uma área, vamos olhando, e ele vai dando os pontos. Lembrei-me do dia que você falou de Paris, que o computador vai dando as dicas. Várias universidades estão colocando um levantamento sobre aquela área e tal e estão trazendo para as pessoas que estão fora do foco turístico, mas que tem um potencial. Outro exemplo é a Casa do Saber, também em São Paulo, em que as pessoas que têm posses pagam, e tudo é revertido em bolsas para quem não teria a oportunidade de ir. Esta troca e essa consciência maior eu acho importante de trabalhar e mostrar não que a tecnologia é um mal e deixá-la longe, não, mas aproveitá-la para viver em sociedade. O ser humano não foi feito para viver sozinho, mas trazer junto esta tecnologia. Eu fiz apenas uma colocação.

Gustavo Ferreira da Silva (aluno Arquitetura) – Nós todos estamos apocalípticos aqui nesta discussão. Será que não há um lado otimista nisso tudo, nessa otimização da Internet? Eu sou um pouco defensor da tecnologia, com esta otimização da Internet. Será que, com toda esta violência do trânsito, não há um benefício em poder ficar em casa e trabalhar e ter o tempo para ir a praças e de ter uma convivência mais direta, não só com afazeres de trabalho, mas com mais diversão, entretenimento humano com este tempo vago, será que não tem como ter isso?

Paulo Reyes – Isso é engraçado, porque eu tenho um viés trágico. Eu lembro que eu dava aula de Urbano na faculdade e estudava a evolução de Porto Alegre desde a sua origem, passando pela década de 1990, 2000, 2001 e tentava fazer umas simulações de futuro. Lembro-me que uma vez estava dando aula e terminei lá em 2020, totalmente catastrófico. Quando eu terminei de dar aula, que para mim era uma simulação, todos os alunos estavam meio impactados. Perguntaram-me: “E agora, o que a gente faz?” A questão não é o que a gente faz, mas temos que ter uma reflexão sobre o que está acontecendo. Eu vivo desta tecnologia o tempo inteiro, tenho computador em casa, tenho aqui, estou sempre conectado e eu acho que tem inúmeras vantagens, a opção por ter trabalhado desta forma mais trágica é que, na realidade, esta tese é muito mais um discurso amoroso sobre o espaço urbano do que um discurso contra ou a favor da tecnologia. Dá para dizer que há um espaço público que está sendo negligenciado, quando se fala em cibercultura, ciberespaço. O que parece, é que tudo que acontece na rede é lindo e maravilhoso, e o espaço da rua não é tão fantástico assim. Paul Virilio diz que, se tiver que valorizar o estranho em detrimento do amigo que está a seu lado, que cheira, que fede, que o incomo-

da, que o afeta de alguma maneira, não é essa a cidadania que ele quer discutir. Eu vejo hoje que várias pessoas são superfelizes, porque têm amigos na Austrália, em Paris e que não se dão com o vizinho. Eu acho que se estabelece uma relação de intolerância. É muito mais fácil tolerar as pessoas com as quais conversamos virtualmente, porque elas são muito semelhantes a nós, elas gostam da mesma coisa. O Orkut é isso, entramos naquela comunidade em que todo o mundo gosta de hambúrguer, coca-cola, batata frita, todos gostam daquilo. Não vai entrar um cara que gosta de peixe. Eles vão dizer: “Pô, meu, vai procurar a tua tribo, tu entrou no grupo errado”. Ah! o vegetariano chato: “Vocês estão comendo carne. Vão ficar gordos”. “Não, a gente curte comer carne, a gente está no grupo que gosta de comer carne, todo mundo hoje comeu um hambúrguer”. É o grupo que curte aquilo. Eu acho que, na cidade, estamos na rua e somos afetados por outras coisas. Por exemplo: eu estava fazendo a minha tese, saí e parei na sinaleira e veio um cara pedindo dinheiro: “Tio, dá um dinheirinho”. Eu apertei em um botão eletrônico e me isolei dele, entende. Eu sou fruto disso também, eu estou em um paradoxo, eu estou dentro desta história, eu estou em um bar em Porto Alegre, na rua, e vem um bêbado, um mendigo, me encher o saco: “Ah! tem um dinheirinho aí?” Eu estou sendo afetado.

TEMAS DOS CADERNOS IHU IDÉIAS

- N. 01 – *A teoria da justiça de John Rawls* – Dr. José Nedel.
- N. 02 – *O feminismo ou os feminismos: Uma leitura das produções teóricas* – Dra. Edla Eggert.
O Serviço Social junto ao Fórum de Mulheres em São Leopoldo – MS Clair Ribeiro Ziebell e Acadêmicas Anemarie Kirsch Deutrich e Magali Beatriz Strauss.
- N. 03 – *O programa Linha Direta: a sociedade segundo a TV Globo* – Jornalista Sonia Montañó.
- N. 04 – *Ernani M. Fiori – Uma Filosofia da Educação Popular* – Prof. Dr. Luiz Gilberto Kronbauer.
- N. 05 – *O ruído de guerra e o silêncio de Deus* – Dr. Manfred Zeuch.
- N. 06 – *BRASIL: Entre a Identidade Vazia e a Construção do Novo* – Prof. Dr. Renato Janine Ribeiro.
- N. 07 – *Mundos televisivos e sentidos identiários na TV* – Profa. Dra. Suzana Kilpp.
- N. 08 – *Simões Lopes Neto e a Invenção do Gaúcho* – Profa. Dra. Márcia Lopes Duarte.
- N. 09 – *Oligopólios midiáticos: a televisão contemporânea e as barreiras à entrada* – Prof. Dr. Valério Cruz Brittos.
- N. 10 – *Futebol, mídia e sociedade no Brasil: reflexões a partir de um jogo* – Prof. Dr. Édison Luis Gastaldo.
- N. 11 – *Os 100 anos de Theodor Adorno e a Filosofia depois de Auschwitz* – Profa. Dra. Márcia Tiburi.
- N. 12 – *A domesticação do exótico* – Profa. Dra. Paula Caleffi.
- N. 13 – *Pomeranas parceiras no caminho da roça: um jeito de fazer Igreja, Teologia e Educação Popular* – Profa. Dra. Edla Eggert.
- N. 14 – *Júlio de Castilhos e Borges de Medeiros: a prática política no RS* – Prof. Dr. Gunter Axt.
- N. 15 – *Medicina social: um instrumento para denúncia* – Profa. Dra. Stela Nazareth Meneghel.
- N. 16 – *Mudanças de significado da tatuagem contemporânea* – Profa. Dra. Débora Krischke Leitão.
- N. 17 – *As sete mulheres e as negras sem rosto: ficção, história e trivialidade* – Prof. Dr. Mário Maestri.

- N. 18 – *Um itinerário do pensamento de Edgar Morin* – Profa. Dra. Maria da Conceição de Almeida.
- N. 19 *Os donos do Poder, de Raymundo Faoro* – Profa. Dra. Helga Iracema Ladgraf Piccolo.
- N. 20 *Sobre técnica e humanismo* – Prof. Dr. Oswaldo Giacóia Junior.
- N. 21 *Construindo novos caminhos para a intervenção social* – Profa. Dra. Lucilda Selli.
- N. 22 *Física Quântica: da sua pré-história à discussão sobre o seu conteúdo essencial* – Prof. Dr. Paulo Henrique Dionísio.
- N. 23 *Atualidade da filosofia moral de Kant, desde a perspectiva de sua crítica a um solipsismo prático* – Prof. Dr. Valério Rodhen.
- N.24 *Imagens da exclusão no cinema nacional* – Profa. Dra. Miriam Rossini.
- N. 25 *A estética discursiva da tevê e a (des)configuração da informação* – Profa. Dra. Nísia Martins do Rosário.
- N. 26 *O discurso sobre o voluntariado na Universidade do Vale do Rio dos Sinos – UNISINOS* – Rosa Maria Serra Bavaresco.
- N. 27 *O modo de objetivação jornalística* – Profa. Dra. Beatriz Alcaraz Marocco.